

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

História e Filosofia da Educação

1984

Um texto célebre de George Orwell e
um filme quase desconhecido de
Michael Radford

Trabalho realizado no âmbito da cadeira História e Filosofia da
Educação leccionada pela Prof. Olga Pombo por **Rui Miguel**

Rodrigues Pereira, finalista da Licenciatura em Ensino da Física e da Química, 1998/99

Ficha técnica

Escrito e realizado por:	MICHAEL RADFORD
Produzido por:	SIMON PERRY
Produtor Executivo:	MARVIN J. ROSENBLUM
Editor:	TOM PRIESTLEY
Director de Fotografia:	ROGER DEAKINS
Co-Produtor:	AL CLARK
Musica de:	EURYTHMICS e DOMINIC MULDOWNEY
Elenco:	Winston Smith – JOHN HURT O’Brien – RICHARD BURTON Julia – SUZANNA HAMILTON Charrington – CYRYL CUSACK Parsons – GREGOR FISHER Syme – JAMES WALKER Tillotson – ANDREW WILDE Amigo de Tillotson – DAVID TREVENA Martin – DAVID CANN Jones – ANTHONY BENSON Rutherford – PETER FRYE Walter – ROGER LLOYDE PACK Winston em criança – UPERTBADERMAN Mãe de Winston – CORINA SEDDOM Irma de Winston – MARTHA PARSEY Sra. Parsons – MERELINA KENDALL William Parsons – P. J. NICHOLAS Susan Parsons- LYNNE RADFORD Prostituta – SHIRLEY STELFOX Instrutora – JANET KEY Big Brother – BOB FLAG Goldstein – JOHN BOSWALL

O 1984 é um filme da Editora Virgin, uma produção Umbrella-Rosenblum, Inglaterra.

Tem aproximadamente 115 minutos.

Resumo do filme

Baseado no livro de George Orwell, *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, publicado em 1949, **Michael Radford** escreveu e realizou o filme com o mesmo nome.

Este filme foi rodado em Londres e arredores, em Abril-Junho de 1984, exactamente nos meses e locais imaginados por George Orwell. Trata-se de uma adaptação fiel do livro, tentando captar o ambiente, quer a nível físico, quer a nível psicológico, imaginado pelo autor da obra.

Adaptação da novela profética de Orwell, 1984 relata o funcionamento de um mundo, no qual o governo controla as massas controlando os seus pensamentos, alterando a história, alterando mesmo o significado das palavras de acordo com as suas necessidades.

Filmografia do realizador

- Another Time, Another Place – Estreado em 1983
- **1984 – Estreado em 1985**
- White Mischief – Estreado em 1988
- Il Postino – Estreado em 1995 (**Veja dossier nesta mesma base de dados**)



INTRODUÇÃO

«Todos os homens procuram ser felizes. Isto é sem excepção. Quaisquer que sejam os diferentes meios que empregam para isso, todos tendem para esse fim. O que faz que uns vão à guerra e outros não é este mesmo desejo que está, nuns e noutros, acompanhado de diferentes modos de ver. A vontade nunca dá nenhum passo, por pequeno que seja, a não ser para este objectivo. É o motivo de todas as acções de todos os homens, até mesmo dos que se vão enforcar (...)»

Pascal, *Pensées* 425

«Estamos a viver num mundo onde ninguém é livre, no qual dificilmente alguém está seguro, sendo quase impossível ser honesto e permanecer vivo.»

George Orwell, *The Road to Wigan Pier*

Desde que Thomas More, ao escrever a sua mais famosa obra, imortalizou o termo **Utopia**, qualquer texto que segue o modelo narrativo proposto por este é rotulado como utópico.

Misto de obra literária e filosófica, de fuga ficcional ou crítica feroz ao sistema social, o não-lugar / bom-lugar de More depressa deu origem um estilo literário que logo, e até aos nossos dias, fez surgir diversas outras obras com a mesma temática. Espelho do eterno descontentamento humano, de um despertar da humanidade do longo sono medieval, a **Utopia** seiscentista apresentava uma nova heroína da humanidade - a **Razão**. Num grito de raiva, o Homem liberta-se do jugo do pecado original e aquilo que, durante séculos, havia sido tomado como a prisão terrestre, torna-se no palco da Razão. Se o homem é bom por natureza, por que não há de ser a sociedade onde ele vive? É possível a salvação na Terra. O Homem será capaz de criar o paraíso secular e assim, ser feliz. Para isso, basta que utilize da melhor maneira a faculdade que tem poder para isso. A utopia não

exige apenas a razão. É preciso ultrapassá-la, dar o passo em frente. A utopia é feita para ser realizável, concretizável.

Mas toda esta euforia e esperança deixava no ar uma questão: será que de facto, o Homem tem todas essas capacidades? Será que as saberá utilizar bem? A dúvida fez cair uma sombra sobre toda esta luz. Assim, ao longo de toda a história da «criação utópica», surge o que vulgarizou chamar-se anti-utopia. «Como um pesadelo para o seu sonho, como um malévolo e assustador *doppelgänger*¹, a anti-utopia tem perseguido a utopia desde o início».² A criação utópica gerou desde logo o seu gémeo mau. A anti-utopia é formada pela utopia benévola, alimentando-se desta como um parasita. Exemplo disto é a obra de H. G. Wells – “Island of Dr. Moreau”, na qual, a tentativa de criação de um mundo melhor através da ciência se torna numa criação monstruosa. Digam que a própria utopia tem já, dentro de si, algo de anti-utópico. Para poder idealizar racionalmente um sítio melhor, ela tem que observar o mundo que a rodeia, fazer a sua crítica e acusação. É como se, ao desenhar e idealizar mundos ideais fosse necessário mostrar que o fim único a que a razão humana tem conduzido, tem sido perpetuar a miséria da sua condição. Como Kumar realça: «A anti-utopia é formada pela utopia, alimenta-se dela como um parasita. Se a utopia é o original, a anti-utopia a cópia - só que, sempre colorida de preto. (...) Ela evocara o lado negro da espécie humana como o seu lado preponderante. Os homens são criaturas caídas e pecaminosas.»³

O *Mil novecentos e oitenta e quatro* de George Orwell é uma dessas «anti-utopias». O absoluto da razão em Orwell é tratado de forma crítica e brutal. A forma como a natureza humana é retratada leva-nos a reflectir sobre a maneira como, muitas vezes, o entusiasmo nos deixa levar cegamente pela tirania da razão. É quando o sonho se torna em pesadelo.

¹ Em alemão no original

² Krishan Kumar, *Utopia & Anti-Utopia in Modern Times*, Oxford, U.K. Basil Blackwell, 1987 p. 99

George Orwell (1903 – 1950)

1903 - 1910

George Orwell nasceu a 25 de Junho de 1903 em Motihari, Bengala. Filho de Richard Walmesley Blair e Ida Limouzin, o seu nome de baptismo é Eric Arthur Blair.

Em 1904, Ida Limouzin regressa a Inglaterra para educar os seus filhos (três, entre os quais Orwell). Orwell apenas volta a ver o seu pai em 1907, quando passa a frequentar a escola Henley em Thames.

1911 - 1916

Em 1911, Orwell obtém uma bolsa de estudo para o colégio interno de St. Cyprian, em Sussex, um dos estabelecimentos privados que preparavam os alunos para a entrada nos colégios mais prestigiados do país. Esta experiência foi de tal modo traumatizante que Orwell a reconta num longo texto autobiográfico: *Such, such were the joys* (Tais, tais eram as alegrias). Este texto não foi publicado durante a sua vida devido à violência das suas críticas, constituindo uma condenação a todo o sistema de educação inglês. Algumas dessas críticas abrem caminho para o aparecimento daquela que viria a ser a sua obra mais importante: *Nineteen Eighty-Four* (Mil novecentos e oitenta e quatro). Em 1914 começa a escrever poemas que são publicados no jornal da escola.

³ *Idem*, p. 100

1917 – 1921

Nesta mesma data, Orwell obtém uma bolsa de estudo para o célebre colégio de Eton, onde irá frequentar aulas com Cyril Connolly, Cecil Beaton e Anthony Powell. Aldous Huxley será seu professor de francês durante um ano.

Orwell era um estudante normal, que mantinha as suas distâncias relativamente ao colégio e ao estabelecimento. «Cinco anos dentro de um banho temperado de snobismo» é como Orwell descreve a sua experiência na escola pública. Porém, e apesar de toda a sua apatia relativamente à escola, leu bastante neste período (sobretudo Shakespeare, Swift, Thackeray, Dickens, Kipling,...) e começou mesmo a colaborar em algumas magazines: *Election Times* e *College Days*. É aqui que duas das suas leituras viriam a ser determinantes para a sua produção futura: *The island of Dr. Moreau (A ilha de Dr. Moreau)* de H. G. Wells e *The Iron Heel (O Tacão de Ferro)* de Jack London.

1922 - 1927

Em 1922, em vez de tentar uma bolsa para a Universidade de Cambridge preferiu abandonar os estudos e entrar para a polícia birmânica (a razão dada pela sua escolha na altura da inscrição foi “Tenho lá família”).

Em 27 de outubro de 1922 embarca para as Índias. Começa então os seus estudos em birmanês, hindú e direito na escola de polícia de Mandalay. O seu novo trabalho permite-lhe percorrer o país. Ao longo dos cinco anos seguintes, descobre a realidade do imperialismo e adquire um descontentamento cada vez maior do trabalho que tinha de fazer. Estes factos, que acentuam o seu sentimento de isolamento, inspiram o seu primeiro romance, *Burmese Days (Os Dias da Birmânia)*, e também os seus dois melhores ensaios /

testemunhos: *Como matei um elefante* e *Une pendaison*. Em julho de 1927 obtém uma licença de cinco meses (por motivos de saúde). Regressado a Inglaterra, apresenta o seu pedido de demissão da polícia imperial.

1928 – 1929

Neste período compra algumas roupas usadas e efectua a primeira das suas numerosas expedições no submundo de Londres.

Na primavera de 1928 decide instalar-se em Paris para escrever. O seu primeiro artigo – *Progrés Civique* – é publicado no jornal *Le Monde* de Henri Barbusse. A 29 de dezembro do mesmo ano, publica também o seu primeiro artigo em inglês no *GK's Weekly* de Chesterton.

Em fevereiro de 1929, após um grave ataque de pneumonia, é hospitalizado durante duas semanas em Couchin. Este será um dos motivos que o leva a descrever, de uma forma horripilante, as condições hospitalares num dos seus ensaios – *How the poor die* – apenas editado em 1946.

No outono escreve dois romances que nunca seriam publicados e que posteriormente, ele destroi.

Nos finais de 1929 Orwell sai de Paris falido.

1930 – 1933

Em Inglaterra continua a sua vida de vagabundo sob o nome de P. S. Burton, acumulando material para o seu primeiro livro, assim como para numerosos ensaios – *The Spike*, *The Clink*, etc.

O nascimento literário de George Orwell dá-se com a publicação de *Down and Out in Paris and London* (Sem Vintém em Paris e Londres) através de Victor Gollancz a 9 de janeiro de 1933, após ter sido rejeitado por dois editores. Eric Blair, que não acreditava no sucesso do seu livro, sugeriu três pseudónimos ao seu editor (H. Lewis Allways, George Orwell e Kenneth Miles) em vez do seu nome verdadeiro. George Orwell, o nome de um rio inglês foi o nome escolhido.

No número Março / Maio de 1930 do *New Adelphi*, uma revista criada em 1923 por John Middleton Mury, Orwell publica a sua primeira crítica literária acerca do livro de Lewis Mumford sobre Melville, iniciando uma carreira jornalística considerável (escreveu mais de 750 textos paralelamente aos seus livros, do simples artigo ao ensaio de 50 páginas, sobre os mais diversos assuntos). Em outubro deste mesmo ano, começa o seu primeiro romance, *Dias da Birmânia*, obra que ficará pronta dois anos depois.

Sempre à beira da pobreza, consegue arranjar emprego como professor numa escola privada. «Nenhum trabalho é mais fascinante do que ensinar, se nos deixarem as mãos livres para o fazer – mas se nos forcarem a maçar e oprimir os alunos, eles detestam-nos por isso», escreverá Orwell que assim revela a sua paixão pelo acto de ensinar.

1934 – 1935

Victor Gollancz, seu editor na altura, hesita na publicação da *Dias da Birmânia* com medo de ser processado. O livro é então publicado inicialmente na América, onde é aceite pela crítica com enorme sucesso.

Em finais de 1934, Orwell volta a sofrer um ataque de pneumonia que o obriga de novo a ser hospitalizado.

Mais tarde, deixa de ensinar para poder trabalhar numa livraria de Hampstead. Consegue aproximar-se da *International Labour Party* (ILB), representante da esquerda mais avançada de Inglaterra.

Em 1935, surge um novo romance: *A Clergyman's Daughter* (Uma filha de Clérigo). Posteriormente, conhece Eillen O'Shaughnessy com quem irá casar um ano mais tarde.

Neste mesmo ano escreve um dos primeiros artigos sobre o livro *Trópico de Câncer* de Henry Miller.

1936

Em janeiro, o *Left Book Club* propõem-lhe escrever um livro sobre as condições económicas e sociais das regiões industriais do norte. Isto faz com que Orwell viaje a Wigan, Sheffield e Liverpool para investigar in loco as condições de vida dos operários fabris. Esta é a origem de *The road to Wigan Pier* (A Estrada para o Cais de Wigan) que ficará pronto em dezembro. A experiência é determinante: Orwell participa na vida dos mineiros e assiste a uma reunião do líder fascista Oswald Mosley, afirmando as suas convicções socialistas. Instala-se então na aldeia de Wallington.

1937

Orwell decide ir combater em Espanha ao lado dos republicanos. Passa por Paris para reencontrar Miller (que lhe dá algumas roupas) e chega a Barcelona com uma carta de recomendação da ILP inglesa. Em vez de se juntar às brigadas internacionais, como a maior parte dos intelectuais presentes no país, Orwell entra para a POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista, grupo marxista dissidente) e parte para a frente de Aragon. Exerce funções de cabo perante doze homens sem experiência e mal armados.

Em fevereiro do mesmo ano, a sua mulher junta-se-lhe.

1938

O seu livro, *Hommage to Catalonia* (Homenagem à Catalunha), começa a ser redigido após o regresso a Inglaterra. Orwell sente uma certa hostilidade por parte da esquerda estabelecida quando tenta escrever artigos sobre a guerra civil de Espanha. Os ataques pessoais começam a multiplicar-se. Victor Gollancz anuncia-lhe que não irá publicar *Hommage to Catalonia* devido aos ataques anticomunistas. O livro será publicado em janeiro de 1938 por Frederick Warburg, um jovem editor de esquerda, apesar de todas as barreiras encontradas. Desta forma, Orwell consegue expor aquilo que muitos não queriam exposto:

“ *A verdade consiste em dizer a toda a gente aquilo que eles não querem ouvir*”
(Liberdade de Imprensa).

A tuberculose atinge Orwell no mês de março obrigando-o a ir para um sanatório onde permanece perto de seis meses. A doença força-o a reduzir as suas actividades (recusa uma oferta de trabalho num jornal indiano).

1939 - 1941

Orwell e sua mulher regressam a Wallington na primavera. *Coming Up for Air* (Vir ao de Cima para Respirar), o romance que foi feito durante a convalescência, surge em junho. Este é o último dos seus romances “realistas” e um dos mais dolorosamente pessimistas.

Em 1940 Orwell volta a Londres. A sua actividade jornalística é então intensa: assegura a crítica teatral e cinematográfica do *Time and Tide*, escreve artigos para diversas revistas (*Horizon*, *Tribune*, etc.) e, de 1941 a 1946, escreve a crónica *Lettre de Londres*

regularmente para a *Partisan Review* americana. É nesta mesma época que escreve alguns dos seus principais ensaios: *Inside the whale; Dickens; Tolstoi and Shakespeare; Boys' weeklies; The art of Donald McGill*, e em 1940, *The lion and the unicorn (Socialism and the English genius)*.

1942 – 1943

Neste mesmo ano começa a trabalhar para o serviço indiano da BBC ficando encarregado da produção de emissões de propaganda e de programas culturais. Neste posto de trabalho conhece gente como T.S. Eliot, E.M. Forster, Dylan Thomas, Herbert Read, William Empson. Em novembro de 1943 apresenta a demissão por achar o seu trabalho inútil.

Posteriormente viria a ser responsável das páginas literárias do *Tribune*. Aqui, em fevereiro de 1945, surgem as suas crônicas de humor *As I Please*. Começa então a escrever regularmente para o *Observer* até aos últimos dias da sua vida.

1944 – 1945

Animal Farm (O Triunfo dos Porcos) surge em fevereiro de 1944. Este livro, que já tinha sido pensado após o seu regresso de Espanha em 1937, volta a ver recusada a sua publicação por prudência política dos seus antigos editores. Frederick Warburg, apesar de aceitar o livro, apenas o publicará em 1945, após o final da guerra.

Em junho de 1944, Orwell e sua mulher adoptam um filho com o nome de Richard Horatio. Nesse mesmo mês o seu apartamento londrino é destruído durante um bombardeamento.

Orwell volta a partir para França no mês de fevereiro de 1945, seguindo posteriormente para a Alemanha com correspondente do *Observer*. Volta a encontrar Hemingway em Paris no Hotel Scribe.

Durante a sua ausência, Eileen morre (a 29 de março) no decorrer de uma operação.

Em agosto Orwell aceita o cargo de vice-presidente do *Freedom Defense Comittee* que defendia a liberdade civil.

Neste período surgem numerosos ensaios: acerca de Dali, Jack London, Koestler, etc.

1946

A publicação de um volume de *Collected Essays* com Secker & Warburg marcam o mês de março. Orwell, fatigado, reduz as suas contribuições para os jornais e passa a dedicar mais tempo ao seu filho adoptivo, cuja protecção havia renunciado após a morte de sua mulher.

Em agosto começa a trabalhar no livro *Nineteen Eighty-Four* (Mil novecentos e oitenta e quatro). O livro será acabado em novembro de 1948: vinte e sete meses de escrita, apenas interrompida por algumas estadias no sanatório. Um longo ensaio sobre Swift (*Politique contre littérature*) aparece em outubro publicado no *Polemic*.

1948 - 1949

Em janeiro de 1949 entra no sanatório de Cranham, no sul de Inglaterra, local onde faz as correcções de 1984.

Oito de junho de 1949 é a data de publicação do 1984 da editora Secker & Warburg. A primeira tiragem é de vinte e cinco mil exemplares.

Em 13 de outubro Orwell volta a casar (Sonia Blair, a sua segunda esposa).

1950

A morte de George Orwell dá-se a vinte e um de janeiro de 1950 com apenas quarenta e seis anos.

Mil novecentos e oitenta e quatro

A simples crítica à racionalidade em *Mil novecentos e oitenta e quatro* de George Orwell é mesmo ultrapassada, chegando de certa forma a atingir extremos. 1984 é um assustador retrato de uma Inglaterra futura subjugada às mãos de um tirano, o **Big Brother**, caracterizado por um rosto com um farto bigode negro e um olhar sempre atento e punidor. Sociedade na qual todos são constantemente vigiados pelos sempre presentes *telescreens*, 1984 é o prelúdio assustador do que seria uma sociedade totalmente governada pela razão. Na verdade, a sociedade de Oceânia, uma das três partes em que o mundo aparece dividido, em 1984, não usa a razão como um meio (como tem sido até aqui), mas como um fim.

Toda a acção se centra na personagem de Winston Smith, um funcionário do Partido Exterior, uma fracção do **Ingsoc**, o Partido governante de Oceânia. Winston trabalha no Ministério da Verdade. O seu trabalho consiste na alteração constante da **verdade** e da **História**. Em Oceânia não existe passado nem futuro, apenas um eterno presente. E é através desse eterno presente que a fracção dominante do Partido, o chamado Partido Interior, controla todo o território e toda a população. Este é um dos “fechos de segurança”

da sociedade “perfeita” que governa em Oceânia, ou seja, a total abolição do passado, logo o controlo total do futuro.

A eterna guerra com um inimigo distante e a permanente alienação da massa maioritária da população - os **proles** - são os outros “trincos”. Os três *slogans* do Partido, GUERRA É PAZ, LIBERDADE É ESCRAVATURA, IGNORÂNCIA É FORÇA, típicas maquinações do sistema de pensamento do Partido - o **doublethink** – levam os habitantes a seguir cegamente a vontade do Partido personificado pelo mítico Big Brother o qual, supostamente, ditaria as regras.

O enredo começa quando Winston, sem saber porquê, compra um diário onde começa a tentar escrever as suas memórias. São memórias de um passado de que nem ele próprio tem a certeza da sua existência. Escondido do olhar vigilante dos *telescreens*, Winston comete o maior de todos os crimes, o **thoughtcrime**, ou seja, o pensar por si próprio. A grande questão que se lhe coloca é a de saber se, de facto, o mundo que o rodeia terá sido sempre assim.

A utopia de Orwell enfrenta aqui directamente a questão da história. Porque o mundo é feito de história, foi sempre a pensar nela que todas as utopias têm sido escritas. Se elas em tempos passados confiavam no decurso da História para o Bom desfecho, a ironia da História acabou por ultrapassar qualquer utopia.

Toda a utopia, se não é feita ao serviço da classe que a imagina, tal como pretendiam Marx e Engels, é pelo menos feita à medida da sua época, tendo como modelo os problemas dessa mesma época. Mas a sociedade muda ao longo da História e, conseqüentemente, a utopia degenera quando a ela aplicada. «Uma vez na História a utopia torna-se vulnerável, no seu sentido perjurativo, mesmo para aqueles que partilham o desejo de uma transformação radical na sociedade.»⁴ Por exemplo, os progressos do espírito humano que Condorcet previa, embora dele se tenha adaptado muitas coisas,

degeneraram em monstros científicos. A bomba atómica é um dos fantasmas desse progresso.

Mesmo sem fazerem projecções utópicas e tendo pressuposta uma Ciência da História, Marx e Engels acabaram por também projectar algo para o futuro, o qual se tornou na utopia do século - a sociedade comunista. Esta sociedade, que para escapar à ironia da História, teve que usar a força para se manter. Nem mesmo a força escapou a ela. «A ideia de História como progresso, seja na sua forma linear ou dialéctica é, em parte, uma invenção do cérebro, estando sujeita em si própria à ironia da “História real”. Marx e Engels deliberadamente refrearam-se de fazer a planta da futura sociedade comunista, pois isso seria fantasia utópica; ainda assim, o seu projecto de um estruturado e benevolente movimento da História para o futuro expressa o mesmo impulso utópico que eles criticaram.»⁵

Orwell, em *Mil novecentos e oitenta e quatro*, resolve o problema da História da forma mais simples e eficaz. Acaba com ela. Não apenas pela força, pondo a História ao serviço do poder, mas indo mais longe: anulando o “edifício” da História. Uma razão não humana, mas absolutamente de um Poder abstracto, anularia toda e qualquer memória, logo toda e qualquer História. Um eterno presente onde a História se rescreveria todos os dias, permitiria resolver qualquer ironia que o futuro trouxesse. O futuro e o passado constituem um eterno presente. «O passado não só se modificava, como se modificava continuamente.»⁶ É por isso que, como Orwell escreve: «Todos os documentos foram destruídos ou falsificados, todos os livros rescritos, todos os quadros pintados de novo, todas as ruas, estátuas e edifícios rebaptizados, as datas alteradas. E este processo

⁴ Goodheart, E. *Culture and the radical conscience*, Harvard University Press, Cambridge MA, 1973, p. 102.

⁵ *Idem*, p. 110

⁶ Orwell, G., *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, Lisboa: Edições Antígona, 1991 p. 83

avança, dia após dia, minuto após minuto. A História parou. Nada existe excepto um infinito presente em que o Partido tem sempre razão.»⁷

O Partido, monstro abstracto personificado na imagem de uma existência indagadora a que todos prestam “vassalagem” e que todos admiram, mantém o seu poder justamente através do controlo da memória das pessoas. Para tal, o partido recorre a duas técnicas fundamentais. A primeira é o **doublethink**, disciplina feroz mediante a qual cada um é levado a aceitar incondicionalmente tudo aquilo que o Partido diz.

« *Doublethink* significa a capacidade de albergar no espírito simultaneamente duas convicções contraditórias, aceitando-as a ambas. (...) Este processo tem de ser consciente, ou não seria levado a cabo com suficiente precisão, mas também inconsciente, ou acarretaria um sentimento de falsidade e portanto de culpa. O *doublethink* é a pedra de toque do *Ingsoc*, uma vez que a atitude fundamental do Partido consiste em recorrer à fraude consciente, mantendo ao mesmo tempo a firmeza de propósitos que acompanha a honestidade absoluta. Dizer mentiras deliberadas, nelas acreditando com sinceridade, esquecer qualquer facto que se haja tornado incómodo, para depois, quando de novo necessário, o arrancar ao esquecimento enquanto for preciso e nunca por mais tempo; negar a existência da realidade objectiva continuando a levar em conta a realidade negada - tudo isto é absolutamente indispensável. (...) Porque o segredo da governação consiste em combinar a crença na nossa própria infalibilidade com a capacidade de aprender com os erros cometidos.»⁸

A segunda técnica usada pelo Partido para controlar e limitar o pensamento humano é a criação de uma nova língua – **novilíngua**. O Partido consegue desta forma aumentar o seu poder fazendo desaparecer conceitos inconvenientes, que pudessem por em dúvida a sua eficácia, questionar a sua legitimidade, por em questão suas regras e mecanismos.

« Não vês que a finalidade da novilíngua é precisamente restringir o campo do pensamento? Acabaremos por fazer com que o *thoughtcrime* seja literalmente impossível, pois não haverá

⁷ *Idem*, p. 160

⁸ *Idem*, p. 215, 216.

palavras para o exprimir. Todos os conceitos de que possamos ter necessidade serão expressos, cada um deles, exclusivamente por *uma* palavra, de significação rigorosamente definida, sendo eliminados e votados ao esquecimento todos os seus subsidiários.»⁹

Oceânia, uma das três partes em que mundo está dividido, é então um mundo de fachada em que toda a realidade é constantemente mudada e, a cada momento que isso acontece, essa mesma realidade torna-se objectiva, objecto de aceitação simples generalizada. Se algo é inventado, se algum acontecimento que nunca aconteceu é dado como tendo acontecido, logo a sua verdade se instala aos olhos dos membros do Partido como indesmentível.

Onde tal situação se verifica com grande frequência é na guerra, nomeadamente, na guerra eternamente travada tanto com a Eurásia (uma outra parte do mundo) como com a Lestásia (a terceira parte do mundo). Se, durante um período de alguns anos, se está em guerra com uma facção, logo no outro dia essa facção inimiga se torna aliada. Ou seja, o dia de ontem deixou de existir. O presente passou a ser o passado. Este presente torna-se de tal modo verdade absoluta que a facção que se tornou aliada sempre o foi. Assim, se, por exemplo, a Lestásia (ou a Eurásia) é hoje o inimigo, então esse país sempre foi o inimigo.

Trata-se de uma guerra permanente que não tem um objecto específico. Aliás, o próprio conceito de guerra se altera. A guerra serve apenas para queimar excedentes e para alimentar o ódio pelo inimigo e pelos traidores. Traidores que, num momento estão quase a conquistar Oceânia e a derrubar o Partido e, logo a seguir, são derrubados de forma triunfante. Quando isto acontece torna-se necessário que todos os factos mudem. Descobre-se então uma nova batalha, uma nova situação de perigo e, num caso extremo, o inimigo volta a ser outro, estando a Oceânia em perigo outra vez.

⁹ *Idem*, p. 58

“ A guerra, por conseguinte, se a avaliarmos pelos padrões das guerras anteriores, não passa de uma impostura. (...) Porém, embora irreal, a guerra não perdeu sentido. Absorve o excedente de bens de consumo e ajuda a manter essa atmosfera mental indispensável a qualquer sociedade hierárquica. A guerra, como veremos, é hoje questão puramente interna. (...) Nos nossos dias já não lutam uns contra os outros. A guerra trava-se entre cada um dos grupos dominantes e os seus próprios súbitos, consistindo o objectivo da guerra não em fazer ou impedir conquistas territoriais, mas sim em manter intacta a estrutura da sociedade. A própria palavra «guerra» se tornou, portanto, enganadora. “¹⁰

Acresce que esta guerra terá que ser sempre interminável, eterna. Não só porque, caso contrário, ela implicaria um continuar da História, um pós-guerra, mas também para que haja um inimigo eterno para alimentar o ódio e a alienação das gentes.

O auge deste processo culmina em duas cerimónias rituais: os **Dois Minutos de Ódio** e a **Semana do Ódio**. Em êxtase faz-se então a apologia do ódio ao traidor e ao inimigo. Emmanuel Goldstein, um suposto dissidente do Partido, é a imagem que polariza esse ódio. Imagem que, a cada grito de ódio, ganha uma existência bem real.

Tal como todos os outros, Winston é levado a acreditar na existência deste rebelde. Só que, a seus olhos, ele é, não um traidor mas alguém que se não submete ao sistema, que tem a coragem de se lhe opor. Winston defende a sua causa juntando-se ao suposto movimento rebelde. Julia, com a qual Winston cometeu o crime de se apaixonar, segue os mesmos passos do seu apaixonado. Tudo não passava porém de um plano da **thoughtpolice** (polícia do Partido cuja função era capturar todos aqueles que praticavam o **thoughtcrime**). Tudo o que viveram foi apenas uma ilusão criada pelo Partido para que, no fim, o crime fosse cometido.

O poder do **doublethink** é especialmente exercido sobre as castas superiores. Os **proles** (85% da população da Oceânia), as castas mais baixas são controlados de uma

outra forma: além do ódio pelo inimigo, são constantemente alimentados por pornografia barata, lotarias cujos prêmios nunca saem, literatura de baixo nível e música fabricada por máquinas. O Partido não se dá sequer ao trabalho de se preocupar com algum foco de rebelião. Qualquer escaramuça é rapidamente anulada pela polícia. Também eles privados de toda a memória e de todo o passado, não há qualquer perigo de reivindicação.

« O trabalho físico pesado, a casa e os filhos, as disputas insignificantes com os vizinhos, os filmes, o futebol, a cerveja, e acima de tudo o jogo, preenchem-lhes os horizontes. Não era difícil controlá-los. (...) E mesmo quando se mostravam descontentes, como sucedia por vezes, o descontentamento não levava a coisa nenhuma, pois, desprovidos de ideias gerais, só conseguiam canalizá-lo para reivindicações limitadas e mesquinhas. (...) Lá dizia o lema do Partido: ' Os *proles* e os animais são livres.' »¹¹

Winston, no entanto, permanece fiel à ideia de que, um dia, os *proles* se rebelariam.

« Se alguma esperança havia, tinha que residir nos *proles*, pois só deles, desse imenso e desprezado formigueiro, 85 % da população de Oceânia, podia alguma vez brotar a força para destruir o Partido. »¹²

É pois nesta ideia que reside a esperança contra o assustador retrato de uma razão absoluta e tirana que assola o mundo de *Mil novecentos e oitenta e quatro*. Porém, como mostra Kulmar, ao citar uma pequena parte de “1984: History as Nightmare” de Irving Howe, é difícil explicar porque é que o Partido pouco se preocupa com os *proles*.

« O estado totalitário não pode suportar luxúria, permitir nenhuma exceção; não pode tolerar a existência de qualquer grupo para além do perímetro do seu controlo; não se pode tornar tão seguro até ao ponto de cair na indiferença. Procurar, em cada canto da sociedade, por rebeldes que sabe

¹⁰ *Idem*, p. 202.

¹¹ *Idem*, p. 78

¹² *Idem*, p. 75-76

que não existem, o estado totalitário não pode descansar por prolongados períodos de tempo. Fazê-lo seria arriscar a desintegração. Tem-se sempre que submeter, velando para uma condição de auto-agitação, abanando e voltando a abanar os seus membros, testando e voltando a testá-los de modo a assegurar o seu poder. E assim... os *proles* permanecem umas das poucas fontes possíveis de revolta. Não parece plausível que Oceânia permita-lhes sequer essa liberdade relativa que Orwell descreve.»¹³

Nesta obra de Orwell, a tirania da razão é um dos alvos da sua crítica. E tem sido um dos alvos de crítica nas anti-utopias ao longo da História. « O moderno anti-utopismo é baseado na percepção da tirania da ideia... A ideia utópica representa um impulso para a libertação, para a realização social e pessoal do Homem. No entanto, quando incorporada no processo histórico, começa a exercer um constrangimento ou tirania nela própria. Revolucionários que negam a visão da realidade histórica como complexa, refractária à razão e vontade, e que insistem no poder da ideia para transformar o mundo, muitas vezes encontram-se escravos da ideia em nome, por exemplo, da necessidade histórica»¹⁴ Esta tirania, muitas vezes, resulta em violência. Popper acha mesmo que muitas dessas racionalidades utópicas, em nome da sua manutenção, ficam-se pela sua própria racionalidade e, para se defenderem das outras, recorrem à violência. «É impossível ter uma discussão racional com um homem que prefere dar-me um tiro a ser convencido por mim. Por outras palavras há limites para a atitude da racionalidade. (...) Considero ao que chamo de utopismo uma teoria atraente; mas também a considero perigosa e pernicioso. Creio que é auto-frustrante e conduz à violência»¹⁵.

Nas anti-utopias, a razão tinha sempre um fim, tal como o bem geral do Homem, uma sociedade melhor, etc., em *Mil novecentos e oitenta e quatro*, a razão é identificada com o poder total e absoluto, é o fim em si mesmo. Razão – poder que se exerce, não

¹³ *Op.cit* Kumar. K. *Utopia and anti Utopia in...* Basil Blackwell. p. 335.

¹⁴ Goodheart, E. *Culture and the radical conscience* Harvard University Press, p.111

apenas sobre as coisas mas também sobre o homem; razão tão total e absoluta que controla até a História e a realidade externa. Razão perante a qual o Homem deixa de existir como tal e passa a ser apenas um peão.

O'Brien, membro do Partido Interior que posteriormente à prisão de Winston ,se revela como um *thoughtpolice*, tenta fazê-lo ceder ao Partido, com a seguinte explicação:

« O poder não é um meio, é um fim. Não se instaura uma ditadura para se salvaguardar uma revolução; faz-se a revolução para se instaurar a ditadura. O objectivo da perseguição é a perseguição; o da tortura é a tortura; o do poder, o poder (...). Estás a pensar que eu falo de poder, e nem sequer consigo evitar a ruína do meu próprio corpo. Será que não entendes, Winston, que o indivíduo não passa de uma célula? O cansaço da célula está no vigor do organismo. Porventura morres quando cortas as unhas? (...) Somos os sacerdotes do poder. (...) Deus é o poder. (...) Sozinho, livre, o ser humano acaba sempre derrotado. E tem que ser assim, porque cada ser humano está condenado a morrer, o que constitui o maior de todos os fracassos. Mas se o homem for capaz de aceitar uma submissão total, absoluta, se for capaz de fugir à sua própria identidade, se for capaz de se fundir no Partido a ponto de ser o Partido, então será onipotente e imortal. A segunda coisa que tens de perceber é que o poder é poder sobre os seres humanos. Sobre o corpo, claro, mas acima de tudo sobre o espírito. O poder sobre a matéria (sobre a realidade exterior, como tu dirias) não é importante. O nosso domínio sobre a matéria tornou-se já absoluto.(...) Começas agora a ver que tipo de mundo estamos a criar? Precisamente o oposto das estúpidas utopias hedonistas que os antigos reformadores imaginaram.(...) Não restará lealdade, senão a lealdade ao Partido. Nem amor, senão o amor pelo *Big Brother*. Nem riso, senão o riso da vitória sobre um inimigo aniquilado. Nem arte, literatura ou ciência.(...) Mas haverá sempre (não te esqueças disto, Winston), haverá sempre a embriaguez do poder,(...). Se queres uma imagem do futuro, pensa numa bota a pisar um rosto humano. Para sempre.»¹⁶

Estamos pois perante a completa eliminação do humano. Para que a razão possa permanecer, é necessário eliminar todo o princípio de humanidade. Apenas o poder é Poder que, por sua vez, se mantém e perdura pela redução absoluta do humano. O ódio,

¹⁵ Popper, K. Utopia y violencia, in: Utopia, Arnhelm Neususs, Breve Biblioteca da Reforma, Barral Editores, Barcelona, 1971, p. 131-133.

a ganância, o desejo de poder são levados ao extremo. Elas tornam-se na única razão existente na sociedade.

CONCLUSÃO

1984 é um livro poderoso. Para além de nos fazer um retrato físico da Inglaterra do pós-guerra, antecipa o terror a que a razão humana pode conduzir se ultrapassados certos limites. Orwell não se limita a criticar os regimes totalitaristas, como o Nazismo e o Estalinismo. O objectivo por excelência da sua denúncia é o fenómeno do poder na sua máxima amplitude (democracia incluída) e a panóplia sempre feroz e arrasadora dos seus mais ou menos subtis dispositivos.

Um último apontamento: são as anti-utopias apenas retratos assustadores e exagerados da condição humana? Se são assustadores, não o serão justamente porque todos sentimos que existem possibilidades de virem a acontecer. O que elas nos dizem não é afinal que as utopias benévolas são demasiado optimistas e confiantes, e como tal, cegas? No *Mil novecentos e oitenta e quatro* de G. Orwell é tal este ponto de vista eloquente.

Para que serve então uma utopia e o seu eterno fantasma, a anti-utopia? Para termos um imaginário. Porque o Homem não se faz apenas com o presente e o efectivo. Porque o homem se faz também de futuro e de possibilidades.

¹⁶ Orwell. G., *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, Lisboa: Edições Antígona, 1991, p. 264, 265, 268

BIBLIOGRAFIA

GOODHEART, Eugene, *Culture and the radical conscience*, Harvard University Press, Cambridge, MA, 1973.

KUMAR, Krishan, *Utopia and anti-Utopia in Modern Times*, Basil Blackwell, Oxford UK. Cambridge MA, 1987.

ORWELL, George, *Nineteen eighty-four*, London: Penguin Books, 1990.

POPPER, Karl, Utopia y violencia, in: *Utopia*, Arnhelm Neüsuss, Breve Biblioteca da Reforma, Barral Editores, Barcelona, 1971, pp. 129-139.

ORWELL, George, *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, Lisboa: Edições Antígona, 1991

LOUIT, Robert, "Une Vie", *Magazine Littéraire*, nº 202. (1983) pp. 20-24

SMITH, David e MOSHER, Michael, *Orwell para principiantes*, Lisboa: Dom Quixote, 1986

SITES

<http://www.k-1.com/Orwell/>

<http://students.ou.edu/C/Kara.C.Chiodo-1/orwell.html>

<http://www.levity.com/corduroy/orwell.htm>

